

Texto sobre "Abate", 2022

Lorena Beatriz Rosa Santos (curso de História, UEMG Passos)

Alexsandro de Sousa e Silva (orientador, UEMG Passos)

A peça *Abate*, com direção, dramaturgia e composição musical de Mayara Cruz, de Teófilo Otoni (MG), é encenada por dois atores e duas atrizes, um violonista, uma percussionista e uma técnica de iluminação do coletivo de Governador Valadares Libre Théâtre, que, por sua vez, tem cinco anos de estrada. De acordo com a atriz Nicolle Sá, que interpretou a personagem Ana, o texto foi escrito por Mayara a partir do documentário *Casas marcadas* (Carlos Moreira, RJ, 2012, 10 min.) e com a colaboração do elenco no processo criativo. A obra foi estreada em set. 2019 e somente agora em Passos, após 2 anos de pandemia, voltou a ser encenada. No 6o Festival Nacional de Teatro de Passos e região (2022), venceu os prêmios de “Melhor espetáculo de espaço alternativo”, “Melhor atriz” para Nicolle Sá (Ana), “Atriz Revelação” para Sabrina Bertolini (Marta) e “Melhor trilha sonora”.

Sob o lema “O Brasil é bonito e merece moradores compatíveis com ele”, a trama versa sobre o processo de desapropriação de área periférica em um lugar não-identificado, mas que pode se enquadrar nas regiões metropolitanas brasileiras. Uma representação do poder que retira as pessoas humildes dos seus territórios, com a dinâmica recorrente do político corrupto fingir abandonar os planos de privatizar o espaço para em seguida articular a desapropriação e construir um empreendimento comercial, voltado ao consumo e lazer de quem tem mais dinheiro, oferecendo, por outra parte, uma quantia miserável em indenização, quando isso ocorre, para aqueles que já habitam aquele espaço. A peça, portanto, toca em questões sociais e políticas que resultam em exclusão social.

O jogo de luzes do espaço cênico remete a uma região periférica com iluminação precária, ruídos e rádio, bem como à escuridão características de espaços privados de direitos sociais. A iluminação faz também com que os espectadores prestem atenção nas coisas básicas que cada um tem na sua casa, expondo a vida simples dos personagens. Que igualmente é evidenciada na indumentária e na linguagem coloquial nos discursos: a cena comovente dos sonhos da personagem Ana explicita a realidade em que ela sempre viveu com amor e carisma. Outro ponto importante é o fato da única moradora negra ter um filho morto: o texto não explica a razão mas deduzimos ser pela violência policial.

Destacamos mais três aspectos relevantes da peça. A trilha musical com o violão e a percussão perpassa a narrativa, e faz o fundo instrumental para algumas canções interpretadas

pelos residentes da periferia. O trabalho com a sonoridade também ressalta o poder. A determinada altura, escutamos o som alto dos sapatos do político "dono" do território. Em outro momento, os ruídos de cerco policial ressaltam a opressão vivida pelos moradores diante do acosso do político. A musicalidade de um lado, e os ruídos de outro, podem ser uma chave interessante de leitura da peça.

Certamente, há outro trabalho de construção dramática em torno dos meios de comunicação de massa. A obra inicia e finaliza com uma transmissão de rádio de uma vitória eleitoral. Trata-se de um ciclo, ressaltado no discurso das vítimas do despejo, quando se perguntam se sofreriam a expulsão novamente, o que acaba ocorrendo. Noutra cena, os personagens comentam o prêmio que uma residente ganhou com a franquia *Jequiti*, ligada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT); noutro instante, a notícia da televisão sobre a situação vivenciada; depois, dão entrevistas sob uma luz, simulando a câmera. Quando ocorre o despejamento, o político celebra com uma transmissão ao vivo a partir de seu celular, gesto que remete a uma popularização de sua figura, a partir do sofrimento alheio. Percebe-se nessas cenas o quanto a tecnologia midiática pode construir uma outra realidade, minimizando ou colocando pouca ênfase no que dizem os meios populares.

Como último destaque, recordamos a importante interação com o público, o que justifica a premiação de “Melhor espetáculo de espaço alternativo”. A participação dos espectadores dá-se com a comunicação das atrizes, em especial, por meio dos comentários sobre o sonho de ir para a Disney (outra referência aos meios de comunicação e a "alienação" do público), o convite para participar da festa da padroeira, os aplausos que o político chama para suas ações, o protesto organizado pelos oprimidos e ao final com o afastamento das cadeiras para presenciar o desenrolar do despejo, isto é, foram “despejados/as” de seus assentos e ficaram a pé.

Em suma, é uma peça que traz muita reflexão sobre como as pessoas que moram em áreas periféricas vivenciam no seu dia a dia com medo diário de ter suas casas invadidas e colocadas abaixo. Ao interagir com o público, a peça traz para perto de si a situação representada, buscando maior engajamento social, tão em falta nos dias de hoje.